

ITALIANIDADE(S): IMIGRANTES EM PORTO ALEGRE

CONSTANTINO, NÚNCIA SANTORO DE

97ST1222

A imigração urbana no Rio Grande do Sul foi praticamente esquecida pelos pesquisadores, atraídos pela experiência de colonização, quantitativamente superior e sobremodo exitosa, diante dos propósitos governamentais que nortearam seu estabelecimento. Investigações históricas desenvolvidas, cujas conclusões já estão publicadas, pretendem preencher algumas lacunas neste sentido. Analisei a formação de grupo italiano em Porto Alegre, com ênfase nos processos de inserção na estrutura social urbana. Considerei dois tipos de imigrantes: os que vieram espontaneamente, fora de qualquer organização pública ou privada; os imigrantes que chegaram a fazer parte dos contingentes de colonização oficial e que se transferiram para a cidade. É preciso sublinhar que estes imigrantes tornam-se sujeitos de investigação quando evidenciam italianidade, identificando-se a partir da origem. Dentre os espontâneos, constatei grande heterogeneidade com relação à procedência. Eram indivíduos que falavam diferentes dialetos, praticavam diferentes cozinhas, enfim, apresentavam usos e costumes muito diversos. (1) Considerando a variável tempo, conclui-se que a grande massa dos nossos italianos começa a emigrar pouco depois da Unificação. A partir destas evidências emerge uma questão principal. Como estes imigrantes conseguiram evidenciar italianidade, se a grande maioria desconhecia o idioma de Dante e se, nem mesmo, poderia ter desenvolvido uma concepção nacionalista? No curso do presente trabalho procuro apresentar algumas conclusões. A História, como é sabido, não é apenas narrativa; precisa explicar. O historiador precisa oportunizar a compreensão de uma trama, resumida por determinada teoria que, por sua vez, se expressa através de conceitos. Para analisar o processo de construção da identidade entre imigrantes, faz-se necessário historiar a presença dos mesmos no meio urbano, considerando diferentes contextos. Pois, para Konzen, identidade étnica é uma (...) construção cultural que se realiza em um período de tempo histórico (...) grupos étnicos em situações reais se recriam constantemente e a etnicidade é sempre reinventada para fazer frente a realidades que mudam (2). Enfim, a construção de uma identidade étnica comporta diálogo com a cultura dominante que influencia através da opinião.

No que diz respeito a conceitos, é preciso considerar a formulação de Glazer e Moynihan, quando definem grupo étnico como grupo de interesse; assim como a de Cohen, que caracteriza a etnicidade como um fenômeno político. (3)

Partindo destes pressupostos, há chaves para interpretação do papel de imigrantes no processo histórico. Abandona-se o teor laudatório para perceber mecanismos de adaptação, formas de organização social. De outra parte, utilizando conceitos de outras áreas do conhecimento, aprofunda-se conhecimentos em História Social do Rio Grande do Sul. Pode-se mesmo afirmar que o estudo da imigração, que parecia esgotado, apresenta perspectivas de revitalização, desafiando o historiador a enfrentar a construção, a manutenção e a destruição de grupos étnicos.

Exponho a seguir sobre os italianos de Porto Alegre. Dada a natureza do presente trabalho, procuro estabelecer três momentos bem diferenciados no processo histórico. O primeiro diz respeito a grupo social italiano constituído por pioneiros da imigração; o segundo é momento de transição, quando se percebe a existência de um grupo italiano de elite procurando liderar uma grande massa de co-nacionais, consequência dos grandes fluxos imigratórios no Estado; por fim, focalizo o período pós-guerra, isto é, dos anos cinquenta ao presente, quando a emigração meridional na cidade é característica

A presença italiana que chamo precoce é esparsa e constituída por indivíduos provenientes das diversas regiões italianas; há evidências que apontam para grande número de lígures, a exemplo do que aconteceu em outras cidades sul-americanas, como demonstram recentes estudos de Chiara Vangelista, professora na Universidade de Turim. (4)

Sabe-se que italianos encontravam-se no território do Rio Grande do Sul antes do surgimento de núcleos urbanos. Participaram das guerras entre Portugal e Espanha, assim como nas campanhas de demarcação do território, como astrônomos, cartógrafos, engenheiros, cirurgiões. São apenas exemplos de especialistas contratados pelas coroas ibéricas. Logo, no século XVIII, a presença é esporádica e rarefeita, tornando-se mais notada nas primeiras décadas do século XIX, sobretudo a partir da Revolução Farroupilha. Além de

nomes conhecidos como Garibaldi, Rossetti ou Zambecari, sabe-se que foram muitos os italianos envolvidos no movimento revolucionário, como mercenários: Matru, Cuneo, Carniglia, Valerini, Staderini, Torrisan e outros, deixaram registro de sua passagem em território rio-grandense. Muitos permaneceram na Província, como Azzarini ou Obino, companheiros de Garibaldi.

Na primeira metade do século XIX, a presença de italianos na Província já não é novidade. São elementos ligados à navegação ou ao comércio, como se pode depreender dos relatos de viajantes ou da correspondência diplomática.

Porto Alegre, como capital administrativa e principal centro comercial, sempre exerceu atração para estrangeiros. Não seria diferente com italianos, cujas evidências de presença podem ser encontradas nos livros paroquiais e, mais do que isto, nos livros de registro de batismo, que permitem concluir por relativa fixação, visto que alguns indivíduos batizam vários filhos, sobretudo a partir da década de 1840.

Fato é que, por volta de 1850, havia comprovadamente 41 famílias radicadas na cidade, com características de grupo social, pois se entrelaçavam por compadrio.(5)

O grupo se amplia. Em 1877 está fundada a Sociedade Vittorio Emanuele II, que permaneceu em atividade até a Segunda Guerra Mundial. O grupo fundador inclui componentes daquelas primeiras famílias que residiam em Porto Alegre desde a década de 1850 e que, além de constituírem grupo social, ensaiam passos na direção de uma identidade étnica. Evidenciam consciência de nacionalidade, cultuam heróis e acompanham feitos do ressurgimento italiano. Buscam Garibaldi como presidente de honra da nova sociedade e, da Itália responde o general, agradecendo a honra e reafirmando sua admiração pelos gaúchos.(6)

Como outras agremiações do gênero, a Vittorio teve o primordial objetivo de promover solidariedade, reforçando traços culturais italianos. Isto só poderia ser feito, e foi, a partir de símbolos retirados da nova pátria, como o culto ao rei Vittorio Emanuele e como o culto ao General que participou ativamente das guerras de unificação. O nome de Garibaldi fora glorificado na Itália; seu papel em campanhas republicanas na América passa a ser sublinhado e, convenientemente, torna-se o herói dos dois mundos.

A construção de uma identidade étnica assemelha-se a processos que se desenvolveram em outros países da América, como Argentina e Uruguai, além dos Estados Unidos. Lembra Konzen que, neste país, impôs-se uma forma de nacionalismo italiano militar-patriótico; As associações de mútuo socorro (...) assumiram este caráter sob a tutela dos proeminentes (...) abraçaram símbolos e slogans inventados no Reino apenas unificado. Também lá, as associações eram batizadas com nomes de personagens da família real ou de heróis do ressurgimento. Assinala Konzen que Garibaldi era o favorito e que, quando os associados promoviam festividades alusivas a datas cívicas italianas, vestiam (...) uniformes elaborados, de carabineiros, por exemplo(...).(3)

Em Porto Alegre surgem as primeiras publicações em italiano, alguns periódicos são editados no Rio Grande do Sul. Várias sociedades aparecem e permanecem atuantes por várias décadas. Além da Vittorio Emanuele II, são fundadas a Umberto Primo, a Princesa Elena de Montenegro, a Società Giuseppe Mazzini. Os membros das sociedades, apesar das diversas origens, passam a representar a Nova Itália. Organizam comemorações relativas à pátria italiana, recebem e incentivam os primeiros imigrantes que chegam a Porto Alegre, em direção às colônias recém estabelecidas pelo governo imperial.

Na virada do século, o processo de construção da italianidade está andando de vento em pôpa, reforçado pela ideologia predominante que aponta para Augusto Conte. O grupo positivista propagandeou a república no Rio Grande do Sul, assenhorando-se do poder político desde seus primeiros tempos, através de Júlio de Castilhos e, posteriormente, através da presidência de Borges de Medeiros, que se perpetuou no poder, colocando em prática pressupostos administrativos positivistas, por quase duas décadas.

Borges procurou revitalizar a colonização e usou, como uma das estratégias, um discurso de valorização exaustiva do imigrante italiano no Estado, imigrante que serviu como modelo de cidadão, operoso e ordeiro, capaz de fácil assimilação. Tal discurso está próximo das concepções do imigrante, ansioso por uma segunda pátria, que lhe oferece a possibilidade de acesso à propriedade de terra, onde poderá demonstrar sua capacidade de trabalho.

Já está mencionada, portanto, a presença de imigrantes vinculados ao projeto de colonização. Antes mesmo que findasse a década de 1870, muitos italianos ingressam na cidade, em contingentes que se dirigiam aos lotes rurais. Inicia-se, então, um segundo momento no processo histórico da imigração italiana na capital do Rio Grande do Sul.

Charge impressa em periódico satírico de 1878 representa grupo de pequeninos homens assediando um passageiro. Traz como legenda: Os vendedores de loteria chegam aos bandos da Calábria e assaltam o povo. Onde está a polícia que não vê essa invasão de gafanhotos impertinentes?(8) Pascale Corte, que veio a ser cônsul em Porto Alegre depois de servir em Montevidéu, envia relatório a Roma, em 1884, explicando a origem dos grupos italianos com significação numérica nas cidades rio-grandenses. Diz que o empreiteiro Serpa Pinto Júnior contratou com o governo brasileiro para introduzir cem mil colonos. Fez publicar na Itália propaganda para atrair imigrantes, dirigida aos melhores centros agrícolas da Lombardia e do Vêneto, ao norte. Mas, em 1874 e 75, o empreiteiro voltou sua atenção para Buenos Aires e Montevidéu, onde havia grave crise econômica. Passou então a atrair imigrantes que não eram agricultores, afeitos a atividades tipicamente urbanas. Estes acabaram se dispersando pelas cidades rio-grandenses.(9) Explica-se, portanto, porque havia em Porto Alegre cerca de seis mil italianos, em 1893, mais de 10% da população da cidade.

O Cônsul De Veluttis, em relatório correspondente a 1908, caracterizaria a colônia, lembrando que é variado o elemento italiano. Alguns indivíduos são médicos, dentistas, farmacêuticos, professores de música e de canto; há muitos padres assim como comerciantes. Destes, poucos são importadores ou exportadores, poucos atacadistas, a maioria desempenhando atividades no pequeno comércio. Lembra que há operários distribuídos pelas fábricas e trabalhadores empregados nas obras públicas. Destaca que os imigrantes prosperam e que a pobreza não chega a ser problema entre os italianos. A remessa de dinheiro para a Itália é mais do que satisfatória. Por fim, o Cônsul observa que, na liderança da coletividade italiana surgem elementos novos: pequenos comerciantes ou industriais, pouco instruídos mas muito empreendedores. Informando sobre a procedência dos súditos na cidade, esclarece que são em grande número meridionais, com predominância de calabreses da Província de Cosenza, especialmente do município de Morano Calabro. Estes formam grupo de cerca de 700 indivíduos, como açougueiros, vendedores de queijos e salames, mascates, revendedores de frutas, pequenos negociantes, sapateiros, barbeiros, alfaiates, médicos e farmacêuticos.(10)

Percebendo-se a diversidade da colônia urbana, é importante analisar mecanismos utilizados na construção de uma identidade étnica.

As premissas fundamentais do discurso de inspiração positivista, como sabemos, são a ordem e o progresso. Para alcançar o almejado progresso, seria necessário valorizar cada vez mais o trabalho que, em decorrência do sistema escravista, era tradicionalmente considerado indigno para homens livres. Portanto, dignificar o trabalho era fundamental para o progresso rio-grandense.

No governo de Borges de Medeiros, as zonas de colonização passaram a ser cuidadosamente protegidas e incentivadas, enquanto implementa-se um projeto de nacionalização. Durante a Revolução Federalista (1893-95) ficara evidente que muitos italianos faziam oposição ao castilhismo, inclusive aderindo às hostes federalistas. Houve frequentes tumultos na zona colonial e nas cidades, conflitos que foram acompanhados de intensas ações diplomáticas. (11)

Findo o movimento revolucionário, foram criados órgãos diversificados para coordenar imigração e colonização. O ingresso de italianos no Estado passou a caracterizar-se pela imigração espontânea em detrimento da subvencionada, segundo as diretrizes impressas nas Teses Financeiras e Econômicas do PRR.

Nacionalismo e operosidade passaram a ser tónicas do discurso oficial. Pretendeu-se neutralizar os quistos étnicos e incentivar mudanças nas relações de produção. Este discurso e a prática governamental coincidem com valores dos imigrantes, como já foi dito. É importante sublinhar, que estes imigrantes trabalhavam arduamente para a ascensão social, como demonstra Morosini.(12) Buscavam no país de imigração as oportunidades de trabalho que lhes foram negadas na Itália. Demonstravam a força da individualidade neste processo de ascensão social; buscando respaldo numa ideologia onde a poupança merecia destaque e a contenção de despesas vigorava.

Inúmeros autores destacam o modo como o imigrante conceituava o trabalho que constituiria a base de qualquer riqueza, razão de progresso individual e coletivo, prova de prestígio e liderança. O modo de pensar do imigrante em geral atende expectativas dos governantes de inspiração positivista, que continuam doutrinando sobre as vantagens do trabalho nas publicações de época, além de enfatizarem a necessidade de amor à pátria que acolheu o imigrante. As expressões Segunda Pátria e Pátria de Adoção permeiam o discursos dos governantes e passam a fazer parte do imaginário dos italianos e oriundi.

Nas publicações de época, a tônica é a galeria de bem sucedidos senhores, enriquecidos pelo trabalho honesto e perseverante. Tais senhores vêm sempre retratados como chefes de bem constituídas famílias: esposa amantíssima e mãe exemplar, filhos garbosos e trabalhadores, prendas filhas que são finos ornamentos da sociedade porto-alegrense. O álbum comemorativo ao cinquentenário da colonização italiana no Rio Grande do Sul, publicado em 1925, oferece excelentes exemplos.

Faillace, que se estabeleceu como alfaiate em 1906, na cidade : além de provecto profissional é também um bom italiano, (...) atendendo sempre ao apelo da Pátria, com trabalho e doações(...). De Minco, que emigrou aos 17 anos, produz sapatos de qualidade e goza ótima fama de industrial e comerciante provecto e sério, cidadão de procedimento irrepreensível. Rosito, proprietário de açougue, é um egrégio senhor(...) verdadeira têmpera de comerciante e industrial que honra a si mesmo(...) goza hoje um conceito elevadíssimo, fruto de sua fenomenal operosidade(...) do seu correto proceder. O negociante Padulla chegou ao Brasil com a predisposição de trabalhar pelo engrandecimento da terra que de modo tão fraterno o recebia e hospitalizava(sic) Volcato é italiano de nascimento mas brasileiro de coração, (...) tem sabido corresponder à hospitalidade. Mondatori, comerciante e industrialista tem trabalhado incessantemente para o progresso de sua segunda Pátria. DallÓglio brasileiro de coração tem servido pelo trabalho honesto à sua segunda Pátria.(13)

A composição deste quadro agrada também na Itália, onde os interesses começam no desejo de expatriar e permanecem na satisfação de exportar sempre mais para as Colonias, ou através das mesmas. Tais interesses se intensificam quando as remessas dos imigrantes são depositadas em dinheiro nos bancos peninsulares, cujas agências se multiplicam no Rio Grande do Sul. Autoridades diplomáticas, por indicação de cônsules e agentes consulares, passam a distribuir, sem parcimônia, toda a espécie de comendas.

O busto de Dante, como figura do calendário positivista, ornamenta a fachada da Biblioteca Pública do Estado, instalada em imponente prédio construído na administração borgista. Feliz coincidência. A língua é insistentemente lembrada como unificadora da nação; idioma de Dante, passa a ser expressão utilizada com frequência. Muitas escolas, a partir dos anos vinte, são fundadas e subvencionadas pelo governo italiano que envia professores.

De outra parte, revitaliza-se o culto a Garibaldi, com bons motivos, pois o movimento regionalista desenvolvia-se.

Ao tempo da Guerra do Paraguai, precisamente em 1868, um grupo de intelectuais fundara o Partenon Literário, agremiação que sublinhou a temática regional gaúcha. Analisando o movimento tradicionalista gaúcho, Oliven cita Sergius Gonzaga, para destacar os tipos representativos que se tornavam caros à elite gaúcha, bem representada no Partenon. Iniciou-se então a (...)apologia de figuras heróicas(...) encontra-se na sedição farroupilha os paradigmas de honra, liberdade e igualdade (...). Prossegue Oliven, lembrando que o Partenon Literário significou exaltação à temática gaúcha por parte de literatos, enquanto o Grêmio Gaúcho tomou a si a tarefa de manter estas tradições. Foi a primeira agremiação tradicionalista, fundada no ano em que Borges de Medeiros iniciou seu primeiro mandato.(14)

No início do século estava inaugurada a estátua de Garibaldi, na praça que leva o seu nome, marcando o espaço principal do bairro Cidade Baixa, onde preferencialmente se localizavam os imigrantes. Foi doação da Colônia que se organizou em comitê para obter fundos e supervisionar as obras. Em termos de outros países, como Estados Unidos, Argentina e Uruguai, este tipo de homenagem aconteceu tardiamente, mas, em termos de Rio Grande do Sul, percebe-se que aconteceu no momento oportuno.

O fato exposto serve como exemplo de reforço empregado no permanente processo de construção de identidade, que pressupõe negociação com a cultura dominante. O italiano tem sua figura valorizada na

comunidade em geral ; governantes apontam para este imigrante como exemplo de cidadão trabalhador e ordeiro. Colonos e imigrantes urbanos beneficiam-se da mesma imagem . Independente das diferenças culturais que permeavam o seu cotidiano, sobretudo no que diz respeito ao uso de dialetos, identificam-se como italianos no interior da sociedade rio-grandense. O retrato de Garibaldi, fardado como militar, passa a ser substituído nas paredes de casas de italianos. O Fotógrafo Calegari, honrado como Cavaliere, que se especializara na técnica da fotografia repintada a óleo, passa a produzir em série outro clichê. Desta vez Garibaldi traça o poncho, vestimenta típica dos gaúchos que adotou como agasalho na velhice.

Ser italiano , de certo modo, despertava a boa vontade . Tanto isso é verdade que, quando se fala das leis restritivas à imigração , reflexo do nacionalismo exacerbado que se desenvolveu no período da Primeira Guerra, conclui-se que não foram especialmente duras para com os nossos italianos, que correspondiam ao discurso oficial, no que diz respeito à paulatina assimilação. O Brasil já era a segunda pátria no Rio Grande do Sul. Os italianos formavam o maior grupo de estrangeiros e cartas de richiamo, tornadas obrigatórias, de muito tempo constituíam prática. Como elementos de uma pequena burguesia urbana, ocupavam mão-de-obra familiar nos seus estabelecimentos comerciais ou manufatureiros e, frequentemente, favoreciam o estabelecimento de parentes por conta própria, parentes que continuariam no mesmo ramo de atividade.

De outra parte, o trabalho de cooptação por parte do governo já ia avançado e a participação política era uma realidade. Imigrantes italianos começavam a ingressar nas fileiras do PRR, ocupando cargos que significavam pequena parcela de poder político. A rede de escolas públicas , reorganizada durante o período borgista, atendia necessidades educacionais, sem ônus à família; lembra-se que as escolas italianas recebiam subsídios para custear, apenas, o material didático; competia às famílias o custo do pagamento de professores que se tornavam cada vez mais escassos. Na década dos vinte as ditas escolas italianas estavam em vias de desaparecer.(15) É bem verdade que, com a ascensão de Mussolini, deu-se a organização de núcleos fascistas, assim como a reativação de escolas que, diga-se de passagem, foram instituições prestigiadas pelos expoentes da colônia,sem a participação significativa da comunidade em geral, envolvida com suas antigas sociedades e festejando suas datas nacionais em salões enfeitados com duas bandeiras.

Mas é também verdade que a grande ofensiva fascista nas colonias do exterior faz com que houvesse um reforço na construção de uma nova identidade, utilizando símbolos evidentes , extraídos da nova patria, em seu modelo moderno, ordeiro e progressista. Tal construção acabaria abortada pela declaração brasileira de guerra ao Eixo.

Extintas as escolas e as sociedades , proibido o uso público do idioma de origem, os expoentes da colônia não têm como liderar construções de italianidade que impressionavam os representantes diplomáticos. Mesmo porque o Brasil havia rompido relações diplomáticas com a Itália, em 42.

Não foi traumático, para a grande maioria dos imigrantes, esquecer a primeira pátria e cantar o hino de uma única pátria. A italianidade não era mais funcional, tornava-se ,isto sim, perigosa. Interrompe-se a construção de uma identidade nacional italiana.

Importante registrar que, no período imediato à guerra, a imigração meridional foi fortemente reativada em Porto Alegre. Inicia-se o que se pode chamar, para fins de exposição, um terceiro momento na história da imigração italiana na cidade.

Imigrantes calabreses, em grande número ,enviavam cartas de chamamento, apoiando seus conterrâneos que se encontravam em difícil situação, no país por refazer. Ao invés de italianidade, assistiu-se , durante décadas, um processo de construção de identidade, tendo como ponto de partida um paese - Morano Calabro, principal centro de emigração para Porto Alegre. Signos culturais enrijecidos foram ,pouco a pouco ,se exteriorizando , cultivados por imigrantes.

Angelo e Serena de Carli partem da premissa que a identidade pode ser lida através de um conjunto de signos que se constituem como o significante ou os indicadores dos limites da mesma identidade, do seu perímetro e da sua espessura. Estes autores explicam a capacidade de pertencer a um grupo como decorrente da elaboração da distância com a experiência do tempo; são estruturas humanas que nascem e emergem na conduta cotidiana, no modo de pensar e de sentir a existência. As vivências interiores, que constituem a identidade, acabam projetadas no mundo exterior, transformando a experiência de vida em representações simbólicas , em linguagem, em signos perceptíveis.(16)

Não há dúvida de que, para construir uma identidade étnica, busca-se elementos na tradição. Dependendo ainda de necessidades ou objetivos, surgirá a escolha de traços culturais que servirão para estabelecer o perfil de determinado grupo.

Entre os moraneses de Porto Alegre, os casamentos monogâmicos, que ainda são frequentes, além de serem diferença cultural, auxiliam na resistência do grupo à perda de valores e tradições. Percebe-se que casamentos mistos trazem conflitos : A família dele sempre me tratou como estranha... Registra outra depoente : ...o pessoal do meu marido é gente diferente, falam dialeto para me deixar de fora(...) (17)

As contrariedades dos mais velhos também são percebidas:(...)é carinhosa, boazinha, mas não sabe fazer nada, tem educação diferente; (...) trabalha fora, não toma conta da casa, não tem sistema de italiano ; (...) aquele rapaz (em Porto Alegre) que não casou com moça moranesa(...) a mulher é filha de gente de Castrovillari (Comuna a sete quilômetros de Morano) ; por infelicidade, não quiz (o filho) voltar comigo (para Morano) e acabou casando com brasileira(...) meus netos nem sabem falar a nossa língua. (18)

Religião, sendo a Católica, por si só não representa diferença cultural. Mas há a questão de devoções específicas para distinguir determinadas comunidades. Então, como diferença , observa-se a devoção especial a Nossa Senhora do Carmo, padroeira de Morano. Novenas são organizadas, rezam-se missas festivas na Igreja do Carmo, encomendadas por representantes da comunidade calabresa. Ainda por ocasião das Festas do Carmo, realiza-se uma grande reunião, a Serata Calabresa com comidas e danças típicas. Específicas devoções são preservadas, assim como estreitos laços familiares. Fazem com que se perpetuem nomes como Carmela, Carmine, Rocco, Nicola e Maddalena, nomes que correspondem às paróquias de Morano Calabro.

Também a culinária é diferença cultural. Os moraneses preparam comidas típicas como braciola e capretto, mas principalmente esmeram-se no rascatelli, o mais tradicional dos pratos moraneses, espécie de macarrão elaborado manualmente, com a auxílio do ferruzzo, hoje quase desconhecido na Calábria.

O que pretendo sobretudo destacar é a exibição consciente destas peculiaridades, como sinal diferencial . Pode-se dizer que são traços culturais, simplificados e enrijecidos; passam a ser sinais diacríticos que identificam os indivíduos como pertencentes a determinado grupo.

Em Porto Alegre ouve-se dialeto antigo; usam-se palavras que são resquícios de tempos anteriores à grande emigração, palavras que hoje não são mais empregadas na região de origem.

O culto à cidade de Morano também pode ser apontado como signo. Na parede da sala de visitas ou do estabelecimento comercial, há uma infalível fotografia panorâmica de Morano, fazendo companhia à imagem do santo de devoção familiar. A cidade apresenta-se brilhante e colorida, fotografada do belvedere defronte ao mosteiro dos franciscanos; no segundo plano está o Monte Pollino coberto de neve.

Mas o culto à cidade manifesta-se também nos depoimentos. Indagado se era nascido na Itália, responde Don Francesco : posso ser italiano ou calabrês, mas sou mesmo um moranês.(19) Discutem dois candidatos ao mesmo cargo de diretoria da recém fundada Associazione Calabresa. Um deles argumenta: (...) sou verdadeiro moranês, tenho ajudado meus paisanos, nunca envergonhei Morano. O antagonista, também moranês, lembra que se trata de eleger diretoria para uma sociedade calabresa.(20) Entendeu melhor o segundo interlocutor , evidenciando transigência.

À sombra de um dialeto e de um culto ao paese, moraneses procuram manter estruturas tradicionais de parentesco, traduzidas em auxílio mútuo e em obrigações recíprocas. Têm consciência de que a solidariedade alcança benefícios , como a conquista de uma boa reputação e, em consequência, de espaços econômicos. A família do sul da Itália, lembra Paci, é do tipo nuclear, mas mantém e reproduz uma vasta gama de relações de parentesco.(21) Piselli descreve a família calabresa como alargada ou associada, porque apresenta ligações de solidariedade e colaboração de famílias do mesmo grupo parental, frequentemente localizadas na mesma unidade residencial. Quanto à colateralidade, a autora define como (...) ligações de parentesco, reais ou adquiridas através de uma densa rede de normas e conexões sociais e econômicas, ligações entre parentes colaterais da mesma geração, por muitos graus de parentesco.(22)

Papai veio com 19 anos e (...)morou com o tio (...) no sobrado do açougue, lembra Nicola que perdeu o pai muito cedo, tomando conta de estabelecimento comercial herdado, juntamente com os irmãos. Também era

nas dependências superiores de um açougue que todos moravam, mesmo depois dos casamentos. Era um tempo bom, mamãe comandando três noras, não havia fofocas. Meus filhos e sobrinhos todos estudaram, mas ajudavam no açougue. Gaetano, antes de vir para o Brasil, morou na Costa Rica com parentes; em Porto Alegre viveu com a irmã e cunhado, trabalhando como caixeiro na loja dos Faillacce. Salvatore conseguiu juntar dinheiro e abriu seu próprio negócio, como conta uma das filhas. As cinco filhas de Gennaro tinham raiva porque a casa vivia transbordando de gente : (...) Papai prosperava e mandava vir parentes, não sobrou nenhum primo na Calábria.(...) todos pediam conselho ao meu pai que tinha muito tino para negócios... ajudou muito meu marido a ser o que é, deu dinheiro para nosso começo de vida, aliás, deu às filhas dinheiro em vida... meus dois irmãos continuaram com o comércio de carnes.(23)

Se a italianidade tornou-se impossível, a moranesidade pode substituí-la, sobretudo por seu caráter funcional, como podem demonstrar os exemplos acima. Sendo pequenos burgueses, os imigrantes meridionais exercem atividades que são características a essa fase de transição ; mantêm nas relações de trabalho um sistema informal com base na estrutura familiar. São, portanto, as relações de parentesco que favorecem ocupações de espaços econômicos, como é o caso de largas fatias do mercado de carnes verdes ou de agências lotéricas. Pertencer ao grupo, além de garantir a inserção do imigrante no mercado de trabalho, garante sua instalação na cidade e sua sobrevivência nos primeiros tempos de imigração. Ademais, é instrumento para confirmar lideranças e posicionar indivíduos num esquema de classificação social mais satisfatório do que aquela classificação baseada em critérios de distribuição de renda. Cultivando valores e tradições do paese de origem, submetendo-se a determinadas normas de comportamento, os moraneses continuam refletindo a imagem do trabalhador estrangeiro, esforçado e honesto, imagem que seus antecessores construíram com o auxílio do discurso oficial. Interessou ao moranês a herança da boa fama da imigração italiana no Rio Grande do Sul.

Admitindo-se que há desejo primordial na manutenção da identidade, decorrente da necessidade que tem o imigrante de pertencer ao seu grupo por razões psicológicas, é necessário sublinhar que, fundamentalmente, no caso dos moraneses, trata-se de uma etnicidade instrumental. Constituem um grupo de interesse, como definem Glazer e Moynhand, ao retornarem à cultura campanilístico-religiosa. Em outras palavras, evocam sinos de aldeia para sobreviverem na cidade. Com relação aos processos de identidade que se verificaram em períodos anteriores à Segunda Grande Guerra, acredito que têm forte caráter político, na concepção de Cohen. Os primeiros imigrantes necessitavam afirmar-se como grupo frente à sociedade urbana, além de socorrerem-se mutuamente. Num segundo momento, precisavam fazer parte, assimilarem-se à esta sociedade marcada pelo regionalismo, o que foi possível fazer negociando com a cultura dominante, sem serem perturbados pela política diplomática italiana, que punha em prática o novo conceito de colônia. É importante assinalar que a perspectiva instrumental não está alijada do processo.

Finalizando, preciso registrar que, no presente, assistimos novamente um esforço direcionado à italianidade. Desde que foram criados os COMITES, Comitatos per Itagliani al Estero, com membros eleitos pela coletividade italiana, formaram-se dois grupos que disputam esta parcela de poder. Os Comitatos são resultado de uma recente mudança na política diplomática italiana, objetivando recuperar, sobretudo, antigas relações comerciais.

No Comites do Rio Grande do Sul degladiam-se duas facções, que disputam a condição de verdadeiros italianos. A primeira é representada por descendentes de colonos oriundos de regiões setentrionais, em maioria radicados na região da serra gaúcha. A segunda facção é representada por maioria de italianos meridionais, imigrados nos anos cinquenta. Comemoram juntos nas festas cívicas italianas, mas continuam utilizando diferentes dialetos, em torno da mesma mesa de reuniões. Evidenciam uma fragmentação que reflete a situação política italiana, com grande autonomia regional e indícios separatistas. Uma nova italianidade parece emergir deste conflito, consubstanciada no aumento repentino da busca pela dupla nacionalidade ou, em outras palavras, na busca do passaporte vermelho. Afinal, o Brasil transformou-se em país de emigração espontânea. Como no passado, não são os mais pobres que emigram voluntariamente, mas razoáveis fatias de oriundi, posicionados em camadas sociais intermediárias, buscando melhores oportunidades na Itália dos bisavós, oportunidades que quase nunca encontrarão.

notas

- 1 CONSTANTINO, Núncia Santoro de. O Italiano da Esquina: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência de identidade entre moraneses. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1990.
- 2 CONZEN, Kathlen Neil et. alii. The invention of ethnicity: una lettura americana. *Altretaliae Turim*: Fondazione Giovanni Agnelli, n.3, ano II, abril 1990.
- 3 GLAZER, N. & MOYNIHAND, D.P. *Beyond the Melting Pot*. Cambridge: Harvard University Press, 1963.

- COHEN, R. Ethnicity: Problem and Focus in Anthropology. *Annual Review of Anthropology*, 7:379-403
- 4 VANGELISTA, Chiara. Traders and Workers: sardinian subjects in Argentina and Brazil. In: RAMIREZ, Bruno & POZZETTA, G. *The Italian Diaspora: migrations across the globe*. Toronto: News Cultural History Society, 1992. p.37-50
- 5 Id. A presença italiana no Uruguai e os italianos de Porto Alegre. *Hoy es Historia*, Montevideu, n.29, ano V, setembro-outubro, 1988.

- 6 Id. O Italiano da Esquina: imigrantes na sociedade porto-alegrense. Porto Alegre: EST, 1991
- 7 KONZEN., Op.Cit. p.24
- 8 O FÍGARO. Porto Alegre, 1878. Museu de Comunicação Social Jor. Hippolyto José da Costa. P. Alegre
- 9 CORTE, Pascale. Le colonie agricole italiane nella Provincia di Rio Grande del Ssud nel Brasile all'Esposizione Nazionale de Torino. Montevideu: Nación, 1884. Biblioteca Ministero degli Affari Esteri d'Italia, Roma. p.6
- 10 Rapporto del Cav. Francesco de Velutiis R. Console in Porto Alegre. In: Rapporti di R.R. Agenti Diplomatici e Consolari. Roma : Ministero degli Affari Esteri; Manuzio, 1908. Biblioteca del Ministero degli Affari Esteri, Roma.

- 11 CONSTANTINO. Núncia Santoro de. Emigranti e Guerra Civile nel Brasile di fine ottocento. *Daedalus*.Castrovillari (Italia), n.10, janeiro-junho, 1993.
- 12 MOROSINI, Marília Costa. Imigrantes que deram certo em Porto Alegre e a esfera do trabalho. *Veritas*, Porto Alegre, n.32, setembro 1987.
- 13 CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NELLO STATO DEL RIO GRANDE DEL SUD : 1875-1925. P. Alegre : Globo; Roma: Ministero degli Affari Esteri d'Italia, 1925.

- 14 OLIVEN, Rubem George. A parte e o todo : a diversidade cultural no Brasil-Nação. Petrópolis, Vozes, 1992. p.70-3
- 15 DI CARLI, Angelo & Serena. Gli strumenti ed i materiali. In: orgs. *I luoghi dell'identità*. Milão: Angeli, 1986. p.183-4
- 17 Depoimentos de Teresa e Lea. Novembro de 1988.
- 18 Depoimentos de Carmela e Maria- Porto Alegre, maio de 1989. Depoimentos de Domenico e Giuseppe,- Morano, novembro de 1987.
- 19 Depoimento de Francesco, Porto Alegre, dezembro de 1987

- 20 Reunião de Conselho, Porto Alegre, agosto de 1989.
- 21 PACI, Massimo. La struttura sociale italiana : costanti storiche e trasformazioni recenti. Bologna: Il Mulino, 1982. p.71-2
- 22 PISELLI, Fortunata. Parentela ed emigrazione : mutamenti e continuità in una comunità calabrese. Turim: Einaudi, 1981. p.19
- 23 Depoimentos de Nicola, Dante, Itália e Romilda. Porto Alegre, dezembro/janeiro -1988

Núncia Santoro de Constantino
Doutora em História
Professora do Curso de Pós-Graduação em História- PUC-RS

XXI Encontro Anual da ANPOCS